ANO 1.º — LISBOA — TERÇA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 166

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibaa

POR serviços prestados, durante o movimento de 14 de Maio de 1915, foi concedida a medalha de prata para premio ao merito, filantropia e generosidade aos bombeiros voluntarios: Ricardo Fernandes Esteves, Artur Alberto Pereira, Aires Antonio Machado, Joaquim José da Luz Preto, Eurico de Paiva e Pona, Raul dos Santos, Carlos da Silva Moniz, José Dias Ferreira, Cassiano Baptista da Silva, José da Luz Preto, Antonio Cardoso de Sousa, José Dias da Silva, Fernando Miguel Marques, Humberto Sanchez, Carlos João Madeira, Amadeu de Oliveira, Artur Augusto Correia de Sampaio, Alvaro Horta, Armando Morais Nascimento, Antonio Luiz de Sousa.

* * *

PELO decreto n.º 7.742, agora publicado no *Diario do Governo*, foi elevado a nove o numero de corretores de fundos da Bolsa de Lisboa.

* * *

DIZ-SE que uma comissão de paraliticos... sem pensão, vai dirigir-se ao sr. dr. Fernandes Costa, pedindo lhe que não se sacrifique a si e aos seus filhos, expondo-os tão lucrativamente ao serviço da Patria. Bem nos basta o exemplo de D. João de Castro e da sua inclita prole que morreu pela gloria de nós todos. Não multipliquemos os exemplos de desinteresse, aliás ver-nos-hemos obrigados a exportar as familias ambiciosas e de dificil mantença para embaixadas, visto as legações serem de pouco proveito.

* * *

NÃO andaremos longe da verdade afirmando que o contracto do carvão será muito discutido no Conselho Superior de Finanças.

***

PORQUE recebemos com lamentavel irregularidade o nosso presado colega *O Jornal do Comercio e das Colonias*, não nos referimos ao seu 68.º aniversario. Fazemo-lo hoje, apresentando-lhe as nossas homenagens sinceras e desjando que a sua vida seja eterna.

* * *

TODA a correspondencia da Sociedade Nacional de Belas Artes, por força da portaria 2.932, fica isenta de franquia postal.

* * *

GOVANNI Papini publicou recentemente uma *Storia di Cristo* que tem feito barulho, na Italia.

A obra deste escritor é toda retumbante, desde o *Crepusculo dei Filosofi* até a *Un Uomo Finito*. A revista *Leonardo* de que foi director, fez-se o orgão do pragmatismo de William James.

Como fundador de *Lacerba*, defendeu o futurismo, com frenesi e intolerancia.

Da sua *Storia di Cristo* diz um jornal italiano que é de recear que este livro venha a fazer concorrencia ás *Bucolicas* de Virgilio, pelo seu excessivo paganismo.

* * *

O PÃO dum só tipo que já começamos a comer, tem um sabor desagradavel. Esperamos pela desforra do sr. João Luiz Ricardo.

Pequenas dinastias de ratos

Desde que a Republica se implantou, algumas familias que viviam numa modestia decente e certas ideias de almanaque na cabeça, começaram a medrar, espalhando por todo o nosso timido e pobre Portugal o estrondo da sua opulencia e do seu desaforo.

O povo bateu-se para estabelecer o novo regime ou pelo menos julgou bater-se—o que para os efeitos historicos tem quasi a mesma importancia. O seu esforço, porem, não alcançou as compensações que merecia.

A sua fé, ingenua e simples, serviu unicamente para lançar na estrada das grandesas temporais alguns mandarins que, com muito juizo e pouca vergonha, entenderam resolver os problemas da sua vida domestica, arpoando o orçamento do Estado ou os favores do mesmo, a fim de darem lustre á Republica e banhas ao seu ventre insaciado.

Não necessitamos citar nomes, porque toda a gente os conhece. Pais e filhos, sobrinhos e manos, parentes remotos e até meninas mal pousadas para o matrimonio, conseguiram, com a protecção republicana dum *gros bonnet* da familia alcar-se a situações que lhes permitem não só comprar pasta para os dentes, mas até trincar com eles alguns petisquinhos dignos de pessoas que a Fortuna sempre acarinhou.

E' bem conhecida a historia de alguns apelidos que de tal modo se apegaram ás paginas do «Diario do Governo» que não há meio de os fazer esquecidos, porque voam com todos os ventos e prosperam com todos os partidos.

Não conhecemos nós a exemplar vida daquele papá que, desde o 5 de Outubro de 1910 até á data, ainda não cessou de trepar de lugar para lugar, sempre risonho e arranjista, ora em Portugal ora no estrangeiro, e comboiando comsigo dois filhos que não só teem participado dos faustos e pompas paternas, mas chegaram mesmo a excedê-lo na furia digestiva de roer as tenras folhinhas mimosas que, no orçamento, crescem só para os fidalguinhos desta democracia... de ratos!

Quando acabará o opiparo banquete assim oferecido á cubiça voraz de tantos Viriatos que fazem do seu estomago os montes Herminos da sua dedicação ao regime?

Orgulho infantil

(Desenho de Eduardo Faria)

—De que é coberta a casa de teu pai?
—De telhas.
—A minha é muito linda. Está toda coberta de hipotecas.

DIZEM-NOS que o sr. Hermano Neves, nosso colega no jornalismo, que há bem pouco tempo seguiu para Angola ao serviço do Alto Comissariado, se encontra no proposito de regressar á metropole, devido ás dificuldades de vida, que tornam insuficiente qualquer ordenado, por muito importante.

Efectivamente, alguem que há pouco tempo esteve naquela provincia garante-nos que a vida, ali, é bem 400 ou 500 por cento mais cara do que em Lisboa, não estando os ganhos na proporção necessaria. Os «fabulosos» ordenados de Africa, que tantos comentarios por aí têm provocado, não passam, feitas as contas, de miserias, só comparaveis com a reforma de um guarda-fiscal...

* * *

O sr. ministro dos estrangeiros está em negociações com o governo alemão para a importação de 60 mil hectolitros de vinhos portugueses, aguardando-se resposta da Alemanha, que só será dada definitivamente depois do ministro português responder a uma nota que nesse sentido já lhe foi enviada pelo governo daquele paiz.

* * *

JÁ começaram no teatro Nacional por ordem do ministerio da instrução, as obras que há muito vinham sendo reclamadas.

* * *

O ALTO Comissario em Moçambique esperou, do governo da Metropole, durante trez meses, uma resposta definitiva a um telegrama seu, versando materia importante.

* * *

LLOYD George, segundo um telegrama, não tem ainda a certeza se irá á Conferencia de Washington.

Quer isto dizer que a Irlanda lhe trava o passo.

* * *

O sr. director da P. S. E. tem estado ocupado esta tarde, com um assunto, que, não tendo propriamente caracter nacional, parece ligar-se com quaisquer propositos dos inimigos do regime.

* * *

REUNEM ámanhã á noite as comissões politicas do partido reconstituinte.

* * *

O GOVERNO por ter tido informações de que possivelmente a ordem publica seria alterada, deu ordem para que hoje á noite haja prevenções.

* * *

REUNIU ontem á noite, novamente, a comissão distrital do P. L., confirmando a sua anterior resolução de manter a demissão. A' excepção do sr. Alfredo Soares que ligeiramente defendeu o governo, todos os presentes o atacaram pela sua orientação politica.

* * *

RECEBEMOS o *D. Alcino*, romance pelo conde de Aurora, edição cuidada da Companhia Portuguesa Editora, do Porto.

CRONICA FINANCEIRA

ATÉ ONDE IRÁ A ALEMANHA NO SEU CONSTANTE AUMENTO DE CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA?

A SALVAÇÃO OU A RUINA FINANCEIRA?

O que diz a experiencia sobre a depreciação da moeda e a sua influencia na industria e no comercio

Num dos seus ultimos discursos, o chefe do governo francês afirmou: «Os povos que têm um cambio mais elevado encontram na sua propria riqueza as causas de pauperismo, emquanto que a Alemanha—é um paradoxo cruel—precisamente porque foi vencida, encontra na fraqueza do seu cambio as condições que favorecem a sua concorrencia economica em todos os mercados do mundo.» Esta frase traduz uma das principais preocupações que se manifestam actualmente nos meios industriais franceses. A Alemanha, que ficou com as suas fabricas intactas, prepara-se para entrar abertamente num periodo de magnifica prosperidade, valendo-se da depreciação do marco—que lhe permite alargar o mais possivel as suas exportações. E como alcançou o Reich o seu objectivo? Fazendo sucessivas emissões de papel moeda, que vão depreciando cada vez mais o valor do marco-papel.

Em França, julga-se que a prosperidade economica da Alemanha é devida á desvalorização da sua moeda—conceito errado que levaria os outros povos a provocar uma baixa cambial, aumentando a cifra da sua circulação fiduciaria. E pregunta-se: porque motivo o governo francês não determina a baixa do franco, visto que o mesmo processo deu excelentes resultados na Alemanha?

Ora, o que se passa na realidade do outro lado do Rheno? O marco conserva no interior da Alemanha um poder de aquisição muito mais elevado que no exterior; a sua depreciação interna é muito menor que a sua desvalorização externa, tal como ela resulta da comparação com os cambios estrangeiros. A explicação é simples: imaginemos dois vasos comunicantes, representando um a oscilação cambial do marco e outro o seu poder de aquisição dentro da Alemanha. Emquanto o primeiro vaso não tenha atingido o nivel do segundo, o custo da vida ainda não corresponde á verdadeira desvalorização da moeda e só quando os dois vasos atingem o mesmo nivel se iguala o poder de aquisição do marco, dentro e fora da Alemanha. Ora, o vaso que indica a oscilação cambial do marco ainda não alcançou o nivel do outro—que nos dá o seu poder de aquisição no interior da Alemanha. Portanto, as industrias alemãs são mais procuradas do que as francesas, inglesas ou americanas; os operarios alemães não absorvem tanto dinheiro e os seus preços de revenda são muitos mais baixos que nos paises de cambio elevado. E, nestas condições, é impossivel lutar contra a concorrencia alemã.

Mas até que ponto pode ser isto exacto? Nas condições normais da industria, os preços inferiores acabam sempre por se igualar aos preços mundiais, sob a unica influencia das correntes de comercio internacional. Quando o cambio sobre um país baixa, os preços dentro desse país variam, necessariamente, em sentido inverso. Se assim não fosse, o estrangeiro podendo adquirir aí em melhores condições que em sua casa, aumentaria extraordinariamente as suas compras, levando comsigo todas as quantidades disponiveis. Sob a influencia dos pedidos que viessem de fora, o nivelamento estabelecer-se-ia rapidamente. E, com a baixa do cambio tem por causa o aumento da circulação fiduciaria, acrescente-se a esses pedidos — que, em virtude dos obstaculos postos aos cambios internacionais, não podem produzir, neste momento, o seu pleno efeito — os que se fazem dentro das fronteiras, igualmente aumentados, porque toda a emissão do papel inconvertivel implica necèssariamente a criação artificial dum poder de aquisição em beneficio dos particulares que recebem finalmente essa moeda.

Em boa verdade, estes fenomenos não podem ser sériamente contestados. Sómente a evolução levará um certo tempo. Por exemplo, o marco vale hoje, aproximadamente, metade do que valia no dia 1 de Maio. Ninguem vai imaginar, certamente, que a alta dos preços na Alemanhaa teria atingido acto continuo a mesma proporção. Essa alta manifestou-se primeiro nas materias e mercadorias importadas. Os preços das mercadorias, que são manufacturadas dentro do país, vão subindo gradualmente, á medida que se vai produzindo o nivelamento nos dois vasos comunicantes de que falámos. E, passado algum tempo, desaparecem as vantagens que momentaneamente gosaram os produtores desse país, em virtude da depreciação da moeda.

Mas se, quando o nivelamento está prestes a dar-se, a circulação fiduciaria sofre um novo aumento. é claro que se torna mais demorado o restabelecimento do equilibrio. E' o que tem sucedido na Alemanha.

Entretanto, num futuro mais ou menos proximo, a situação actual hade ter um fim. Surgem tres hipoteses. Ou a Alemanha vai pôr em pratica uma politica financeira honesta, opondo um dique á onda de papel moeda que a submerge, e a estabilização do cambio será uma consequencia da sua depreciação actual; ou—segunda hipotese—as emissões de papel moeda continuam e a baixa do cambio tende a agravar-se, arrastando o país a uma falencia inevitavel; ou ainda—terceira hipotese—a Alemanha pretende não só evitar uma nova baixa do seu cambio, como tambem fazer uma politica de deflacção tendente a dar ao marco uma parte do seu valor perdido.

Neste caso—pouco verosimil, em boa verdade, porque o mal já fez progressos irremediaveis—as vantagens passageiras que a depreciação da moeda teria dado á industria alemã, transformar-se-hiam em inconvenientes, igualmente momentaneos: os preços interiores não baixaram tão depressa como o cambio tinha subido e os salarios não poderiam ser imediatamente comprimidos, de sorte que a concorrencia a intentar nos mercados externos seria dificil.

Enganam-se, pois, aqueles que julgam que a depreciação da moeda é fonte de riqueza para um país. A politica das sucessivas emissões de papel moeda só pode conduzir um país á bancarrota ou á revolução. O aumento da circulação fiduciaria produz nos organismos financeiros o mesmo efeito que certos venenos produzem no corpo humano: de momento provocam uma excitação benefica, mas quanto mais se absorvem mais arruinam o organismo, dificulta do cada vez mais a cura do doente.

Pregunta-se, no emtanto, se com a Alemanha sucederá o mesmo. Se toda a fôrça da sua industria, que está produzindo neste momento o maximo da sua possibilidade, não será bastante para evitar a ruina financeira que dizem avizinhar-se. O tempo o dirá, mais cêdo do que muitos julgam.

LEITURA PARA SENHORAS

A MODA EM PARIS

Os novos modelos de inverno de vestidos e chapeus

PARIS, outubro, 1921

Aproxima-se o inverno e continuam a aparecer, sem interrupção, novos modelos de vestidos e chapeus, que oferecemos ás nossas leitoras, com uma breve explicação que possa facilitar a execução e a escolha.

(1) Um vestido de sarja castanho. O corpo, liso e muito simples, é ligeiramente decotado e tem mangas compridas e estreitas. A saia, em forma, é recortada em bicos.

Este vestido, em que ha alguma coisa de antigo, tem por unico enfeite um cinto de metal, marcando, sem apertar, a cintura comprida.

(2) Um vestido de veludo preto, elegante e rico, bordado a prata no corpo e no decote, é o nosso segundo modelo, que tem mangas largas, compridas e lisas. A saia é lisa tambem, mas duas longas bandas, do mesmo veludo, caem dos lados, passando quatro ou cinco centimetros além da borda da saia. Estas bandas são bordadas nas extremidades com os mesmos desenhos que o corpo.

E' um vestido mais proprio para senhoras do que para *jeunes filles*.

(3) Um vestido de absoluta novidade na sua singeleza e que pode ser feito em pano ou veludo de qualquer côr. Este vestido deve a sua originalidade a um largo avental, mais comprido de que a saia e ás suas costas muito *blusadas*. As mangas têm grandes canhões que são guarnecidos, assim como o avental e o decote em bico, com um galão antigo, estreito, que se pode colocar, conforme o gosto ou a espessura do galão a liso ou franzido ou em pregas.

(4) Um grande chapeu de veludo preto, de modelo muito simples. A aba mais larga na frente é levemente levantada em toda a volta. A copa redonda e pequena não avoluma a cabeça, o que sempre favorece a beleza.

GINETTE

ELECTRICIDADE--MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Química Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

TEATRO DO GIMNASIO

Companhia ALVES DA CUNHA

HOJE — PERMANENTE GARGALHADA

"Reprise" da mais alegre das peças

O CELEBRE PINA

por JOAQUIM PRATA

O UNICO GRANDIOSO SUCESSO DO VERÃO FINDO

Reaparição de FLORA DYSON

Novos interpretes

O MAIS ATRAENTE DOS ESPECTACULOS

AINDA NO CORRENTE MEZ

tr1.ª recita d'assinatura com a nova peça adução de JOÃO SOLER

MARIDOS ENCRAVADOS

Continúa ainda aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras

Recitas Elegantes

que se realisam ás terças-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Nove d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.

As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de repertorio ou por partes de concerto.

A abertura do teatro realiza-se no proximo sabado, 22, com a peça italiana **Mario e Maria.**

Bilhetes á venda para as primeiras representações.

TEATRO S. CARLOS

Sexta-feira — 21 — Sexta-feira

Estreia da companhia dramatica

REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

com a peça de George Rivolet

JERUSALEM!

arranjada para a scena portuguesa por ALFREDO CORTEZ

Deslumbrantes scenarios de Renato Testi, Vicenzo Pignataro e José d'Almeida

Esmerada "mise-en-scène" de ANTONIO PINHEIRO.

Os principais papeis estão confiados aos artistas Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Antonio Pinheiro, Henrique de Albuquerque e Robles Monteiro.

Bilhetes á venda — Não ha assinaturas

CARTA A UMA ELEGANTE

COMO O CRIME TRANSFORMA UMA MULHER

Através a adega e os lagares — Nomes supostos, caso verdadeiro

OS HOMENS BRINCAM IMPRUDENTEMENTE COM O CORAÇÃO FEMININO

Maria José, a delicada menina que parece entre as suas morenas companheiras um anjo exilado, conversa com D. Manuel de Funduais, e eu escuto, interessada.

Devem falar de coisas transcendentes. Maria José parece aureolada com o oiro dos seus cabelos, e os olhos candidos têm reflexos do ceu.

Devia vestir-se de *mousselines* alvas, pentear-se á *Boticulli* e ler sonetos de Camões—vou mesmo até aos «Namorados» de Virginia Vitorino, ou á «Belkiss» de Eugenio de Castro. Escutemos.

Chega a meio duma conversa animada: Sim, D. Manuel. Imagine que a Cecilia resolveu fugir com ele. A Cecilia uma menina, emquanto a Jeronimo d'Eça...

—Mas o Jeronimo é casado!—exclama espavorido o D. Manuel.

E Maria José ergueu para ele os seus olhos puros. Toda ela é um espanto ingenuo.

—Casado há vinte anos, mas que importa? Ela gosta dele apaixonadamente. Divorciam. E a sua boca angelica entreabre-se num sorriso doce.

Invertem-se os papeis. E' D. Manuel quem se espanta deste episodio amoroso. E' ele quem se indigna de vêr abandonar o lar, a sua companheira, os seus habitos ao elegante Jeronimo d'Eça.

A chula continua. Cheira mais ao vinho novo. Circula nos lagares a aguardente, os homens batem as palmas numa dansa selvagem.

E á sombra das trevas floridas as conversas continuam, mais intimas. Madalena decerto desenvolve perfidas advertencias. José Carlos esqueceu a scena de há pouco. Quanta vez Carmo o ameaçou para acabar em lagrimas de amor? O conde de Aldeias fala de Lisboa e compára os prazeres do Chiado com a vida simples da serra e Teresa escuta-o interessada. E' certo que viveria aqui, conde? Eu abandonava Lisboa. Tres meses em Paris, dois em Londres, Nice em fevereiro, depois em abril os lagos de Italia. Mas a serra, conde! Que seria eu capaz de fazer se me obrigava a estar aqui todo o ano! Há na vida da mulher um interesse exclusivo.

—O homen,—responde tranquilamente o conde.

—Não. A «toilette». E' quasi a mesma coisa. Para quem me vestiria eu aqui? Qual era a criada de quarto capaz de me sacrificar a cidade? A minha é unica para me abotoar os vestidos e tratar das meias de seda. Só ela me sabe penteai.

Mas despedia-se com certeza ao terceiro mês de solidão.

Já ouvi bastante. Volto-me para a doce Maria José. Tem os olhos baixos, e murmura para D. Manuel. Talvez... Vou-me embora. Parece-me que o aroma forte do vinho me estonteia. Saio—pelos bastidores—a porta que dá para a adega. Oiço um murmurio entre os toneis—e sem querer recordo a cantiga que está agora em moda aqui.

Era o vinho meu Deus era o vinho
Era aquilo de que eu mais gostava...

Sejamos dicreta. Passo como se nada ouvisse, e retomo o caminho de casa. Alguns balões já se apagaram e vou guiada pelo instinto direita ás janelas que brilham entre o arvoredo. Assim em pequena me contavam aquela historia da princesa perdida nos bosques, e que via ao longe uma luzinha—palida recordação da estrela dos Reis Magos ..

Volto ao salão. Mas já alguem me precedeu. Tranquilamente. Carmo borda, sob a luz rosada dum candieiro. Os seus dedos milagrosos enchem de flores imensas um linho grosso, que pouco a pouco se transformou num tecido maravilhoso. Neste momento uma borboleta monstruosa adeja sobre os lirios roxos. Reparo que tremem ligeiramente as mãos pequeninas.

Quando entro, ergue para mim os olhos com serena indiferença. Sei que lhe dóe o coração, que a feriram na sua dignidade, na sua vaidade, em tudo o que nós temos de sensivel, e admiro a energia com que domina o seu sofrimento.

Os seus cabelos claros apartam-se na nuca pura. As palpebras encobrem os olhos pisados. Carmo não deve ter esquecido as humilhações de há pouco. Insensivelmente penso em todas as ideias que se debatem no seu cerebro inteligente e são.

Vejo ante o pobre José Carlos a ruina, a desgraça, a solidão—companheira inseparavel dos dois primeiros males. Não será ela que agora se erguerá ante a vida perdida de seu marido. Ah, imprevidente e louco José Carlos! Como fez mal em desdenhar a unica amiga, a fiel e doce companheira dos dias maus. Porque todos nós temos alguem a quem queremos unicamente, por quem nos sacrificamos sem hesitações.

Carmo amparou seu marido apesar de traida e humilhada. E por isso mesmo não perdoará de novo. Vejo nela uma inimiga implacavel e energica.

Em que pensará? Aproximo-me e com falso desinteresse interrogo-a. Estás triste, Carmella? Tu que és sempre a nossa alegria...

—Não Clarinha. Penso unicamente no bordado. Olha como esta borboleta se destaca sobre os lirios roxos? Em Paris onde os nossos linhos são pouco conhecidos fará furor este matiz—á antiga.

—Em Paris, Carminho? Pensas em deixar Portugal?

—E Carmo responde com a sua voz de contralto velada pela emoção.

Assim é preciso...

Voltam todos do lagar.

No borborinho, na confusão dos primeiros momentos ninguem repara nem se recorda do drama da tarde.

José Carlos é sempre o mesmo jovial e inconsciente companheiro. Ninguem como ele conta historias fabulosas sobre as suas aventuras na California. Porque José Carlos já correu o mundo e possue um *stock* de recordações, talvez falsas mas divertidas, e que lançam a assistencia numa animação que nem os mais audaciosos *shimmys* conseguem produzir.

Desta vez José Carlos conta uma aventura de Cascais que provoca gargalhadas.

Ninguem crê, é claro, que um ex-conhecido frequentador daquela praia tentou imitar a Cidadella, e mobilá-la do mesmo modo. Ninguem acredita que ele pensou em ser grande do Reino, e Conde dum rio distante. Mas o seu riso *bon enfant* as suas gargalhadas fortes, as suas malogradas tentativas literarias, são bem conhecidas em Lisboa e a recordação delas lança no salão um sopro de bom humor.

Agora esse ex-elegante desapareceu da sociedade—e todos o encontram, á tarde, tomando chá, perto do Chiado.

E Carmo explica tranquilamente—José Carlos tem uma tendencia perigosa para as pessoas *lonches*. Umas arrastam as outras, depois, caem no mesmo abismo... Ninguem responde. A borboleta tem agora um colete negro que faz sobresair as asas de mil côres. José Carlos olha a mulher, por instantes. Talvez lhe volte o bom senso e se detenha a tempo. Mariana senta-se ao piano. Vamos ouvir mais uma vez —*Parmi les fleurs*—o ultimo *fox-trott*. Ergo-me. Venho acabar esta carta que terá o seu epilogo em Lisboa este inverno.

Não julgo Carmo capaz de acabar nas pastilhas de sublimado, agora tanto em moda.

Carmo espera a sua vez para se vingar com nobreza e talvez lealdade...

E despeço-me cheia de saudades.

CLARINHA.

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

N.º 28 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 18-10-921

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

Mas os teus chefes deviam ser mais razoaveis, consentindo que ao menos, de dois em dois dias viesses ver a tua mãesinha.

Estas palavras e outras desta natureza acabaram por lhe fazer pensar que ela ignorava completamente a verdade.

Passaram o serão a falar de coisas indiferentes, passearam um pouco, depois do jantar, no jardim.

Durante todo este tempo, só Dil Achoub se ocupou do serviço e Ali não deixou de, a ocultas, observar a linda Circassiana. Os seus olhares, porêm, tinham o ar de se prenderem na admiração de um quadro ou estatua, continuando o seu coração sujeito a Mehpeyker.

Todavia, sua mãe, que não possuia o dom de ler os segredos do coração, embalava-se com a esperença de vencer, considerava a realização do seu programa como um facto consumado e esperava, para se tranquilizar, que lhe viessem dizer que Dil Achoub caira nos braços do seu filho.

Ele, pelá sua parte, o que desejava era deitar-se para refazer-se das fadigas duma semana.

que recebesse as ordens do seu filho (1).

Pelas nove horas pretextando um ligeiro mal estar, sua mãe retirou-se, não se esquecendo, porem, de dizer a Dil Adroub

Quando este entrou no seu quarto, não lançou mesmo um simples olhar para a jovem que o acompanhára; despiu-se, meteu-se na cama e mandou-a embora com ordem de fechar a porta. Minutos depois adormecia. Sua mãe, graças á ansiedade em que vivera durante tantos dias e á emoção demasiado forte que experimentara ao tornar a ver o seu filho tão amado, sentia-se cançada, doente. Por isso a tontura de que falara no jardim converteu-se em verdadeira indisposição quando recolheu á sua camara. Ninguem se atreveu, portanto, a falar-lhe da indiferença que seu filho manifestara por Dil Achoub.

Convencida, aliás, assim como já se disse, que sucederia precisamente o contrario nem entendeu necessario pregunta-lo.

A pobre senhora passou a noite num violento acesso de febre. Quando despertou, pela manhã, o seu coração era presa duma grande emoção e os seus nervos padeciam uma crise bem seria. Antes mesmo de tomar a sua colocação ordinaria, informou-se da sorte reservada a Dil Achoub. As hesitações das servas breve lhe fizeram compreender a cruel verdade: todo o seu sangue se pôs em ebulição, as palpitações do seu coração impediram-na de respirar e todos os seus membros tremeram. As maiores resoluções tomam-se em geral nas maiores crises: ela decidiu, na sua violenta dôr, propor imediatamente Dil Achoub a seu filho. Quando o coração adota uma medida, facilmente impõe silencio aos sofrimentos fisicos. Tal foi o caso que se deu com a Manin. Meia hora depois, Ali Bey veiu tambem ao salão para tomar café. Apenas ficaram sós, travou-se, entre mãe e filho, o seguinte dialogo:

—Meu queridissimo Ali, agradou-te a nova escrava?

—Ela é bonita. Alem da sua beleza é de uma educação perfeita. Toca admiravelmente piano e é muito habil nos trabalhos de agulha. O seu caracter tem qualquer coisa de angelico.

—Tanto melhor, minha querida mãe, servir-nos há de distracção, na minha ausencia.

—Tenho eu, porventura, necessidade de distrair-me doutra maneira, a não ser aguardando o teu regresso? Compreia-a para ti.

—Que hei de fazer dela?

(Continua).

(1) Julgo necessario explicar esta passagem para não induzir em erro o leitor europeo. As pessoas que se casavam com escravas compradas não faziam consagrar legalmente a sua união senão quando bem lhes parecia, sendo, porém, obrigadas a reconhecer imediatamente e sem restrições os filhos. Com o desaparecimento da escravatura estas especies de casamentos vão desaparecendo.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Conversão?

A epoca que vivemos, só consegue ser grande com a junção de uma infinidade de pequenos pormenores. Quando pretendemos elevar o espirito a alturas inacessiveis á materia, temos de olhar para o que de belo as gerações que ficam na sombra do tempo, nos deixaram. O que existe, nascido do utilitarismo do seculo, como unica finalidade filosofica tem a prisão, cada vez mais robustecida, á terra, desse sector do sub-consciente que se chama sensibilidade. Manuel Ribeiro, homem habituado a filosofar sobre as injustiças do mundo e a procurar, na quimica da inteligencia, balsamo que cicatrize as pustulas que a imperfeição do homem colou ao dorso da humanidade, quiz um dia ançar o espirito num vôo mais largo, cansado de circuitar em torno desse problema de coração que, analisado a frio, não passa de um problema de economia politica. Quiz subir alto e para o conseguir estabeleceu contacto com o Passado. Absorveu-se na analise dessa catedral que nasceu com a idade media e com a nacionalidade, e a revelação da beleza em arte de que a Igreja em todos os tempos se soube revestir, deslumbrou-o ao ponto de, num egoismo de espirito, deixar os livros que versavam a questão de todos, para lançar mão daqueles que encerram a sua questão de agora. Em espirito, seguindo o figurino, medievo, relembrando a severidade de linhas do estilo gotico e a substilização dos motivos ornamentais do romanico—reconstituiu a catedral insignificantizada num recanto de Lisboa. Estudando a liturgia e procurando descobrir o sentido oculto da arte que lhe forma o esqueleto—povoou o seu templo de meninos cantores, de monges de pregação e de monges que se limitam a servir a divindade, dando execução plena á regra. Por ultimo, ainda, lembrou-se dos dias que estamos vivendo, poz frente a frente a Igreja e o pensamento universal de renovação e amor—e no transepto, no côro, no claustro e nas torres da sua catedral reconstruida numa noite de sonho, deu execução a um drama de amor em que há sangue plebeu e gente de linhagem, onde o amor do artista é despedaçado pelo orgulho das familias brazonadas. Em teatro, é possivel uma sensibilidade exterior, uma sensibilidade de artificio. Em literatura, não. O homem que cria, em livro, acaba por ser derrotado pela contra-ofensiva da sua propria cerebração. Assim, Manuel Ribeiro, jornalista da extrema esquerda, homem que no misterio russo alguma coisa vê mais que uma formidavel Saint-Barthelemy de castas, foi absorvido, arrastado, pelo sentimento de religiosidade artistica e o catolicismo mobilisou em favor da sua expansão. Ele, que ha poucos meses ainda, fazia fogo no baluarte mais avançado do «avenir sociale», conta, agora, alguns dias da Cartuxa de Burgos, vividos com aprazimento na observancia da regra. Conversão? Não sabemos. Mas quem conheça um pouco o modo de ser psicologico do autor da «Catedral», não se admirará muito de ver vencida a turbulencia do revolucionario, pela onda de religiosidade precipitada pelo pensamento do escritor. Perder-se-ha um homem, ganhar-se-ha um artista, que reataru, talvez, a tradição longa da arte e sciencia monacal, que a perversão de alguns, poucos, monasterios, não conseguiu levar definitivamente de vencida em Portugal,

L. Consiglieri Sá Pereira

Campeonato de espada no Estoril

Todo o nosso meio sportivo e mundano aguarda com anciedade a realização deste campeonato que terá logar nos dias 27, 29 a 30 do corrente nas salas de Estoril Termas.

A inscrição está aberta nos escritorios da Sociedade Estoril, no Cais do Sodré, atingindo os premios a importancia de 3.000 escudos.

As «poules» de treino têm decorrido com a maior animação todos os domingos, tendo ficado classificados no transacto, em 1.º logar: Manuel Pinheiro Chagas e em 2.º, ex-æquo, Daniel de Oliveira, dr. José de Pita e Castro e dr. Melo Borges.

A Sociedade Estoril vai organizar uma brilhante festa para o dia das finais do Campeonato.

NO EXTREMO ORIENTE

PORTUGAL NECESSITA ESTAR A'LERTA COM A QUESTÃO DE MACAU

Os interesses da Inglaterra na China—Um esplendido arsenal de guerra em Cantão—A questão do porto—Uma opinião antiga do sr. Ferreira da Rocha—Washington

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA UM ANTIGO MEMBRO DO CONSELHO DO GOVERNO DE MACAU, RECENTEMENTE CHEGADO A LISBOA

Este gabinete, numeroso de coisas raras, de jarrinhas niponicas, lacas com incrustações de nacar e tapetes bordados a fio de oiro é agora uma ante-camara diplomatica.

Em frente do jornalista, com um amplo kimono a vestir-lhe o corpo, está uma corpulenta figura, de rosto oriental, olhos semi-obliquos, que vai tratar da questão de Macau. Quem vos fala, leitores, tem autoridade. Pertenceu ao conselho do governo de Macau, regressou ha pouco de lá, um pouco antes do ultimo incidente; é doutor e tem sido assediado pelos melhores jornalistas de Lisboa. Daqueles, de velha rocha...

—Eu podia dizer-lhe o meu nome...

—Mas...

—Temo que as minhas opiniões vão ferir, magoar. Até se podia dizer, acredite, que eu estava vendido á China...

—Por amor de Deus!

—Eu sei! afirmou energico—Então não se diz para aí que o sr. Ferreira da Rocha, actual ministro das colonias, teve, em tempos, no jornal de Macau, o «Macaista», opiniões favoraveis ao Celeste Imperio!

—Conte-nos isso.

—Muito simples. Ferreira da Rocha, no artigo em questão, disse que as aguas do canal do porto interior deveriam ser atribuidas aos dois países.

—Mais nada?

— Nada mais.

— E deviam?

— A meu vêr deviam, porque se dum lado está a peninsula de Macau, portuguesa; do outro, está uma ilha, a Lapa, que pertence aos chineses.

— Foi aí que se deu o ultimo conflito?

— Foi. O torpedeiro entrou e não fundeou no porto, mas sim junto de territorio chinês. Ordenaram-lhe que se retirasse. Não quiz. Fogo de ambos os lados e alguns feridos.

Aqui pedimos uma opinião.

— Como resolver o caso?

— Não sei. Talvez declarando as aguas desse canal neutrais. O actual governador, para os navios em transito, considera-as assim; agora para os que fundeiam, não.

— Os chineses têm razão?

— Compreende que em frente de Macau, está o territorio chinês e que, seguindo ao longo do canal se encontra a importante cidade de Chin-Sau, que precisa ter uma saída para o seu comercio... Não sei.

Este não sei, equivale a uma opinião contraria ao ponto de vista português. No entanto o nosso entrevistado é português, é patriota, é doutor e encara todas as questões sob o aspecto de vista juridico e não particular a esta ou aquela parte.

— Macau, progride?

— Não! Estiola-se, infelizmente. Portugueses ha uns setenta, se tanto; população cruzada, mestiça, macaista, pode comportar-se em 70 ou 80 mil...

— Vê probabilidades duma guerra?

— Não! No entanto é preciso que os portugueses se acautelem. Dum momento para o outro o governo de Cantão pode pôr em pé de guerra 50 mil homens. Naquela cidade existe um arsenal que produz mil armas por dia. E sabe quem está á frente desse estabelecimento que foi montado antes da guerra por engenheiros alemães? Um chinês, inimigo terrivel dos portugueses, que tem em Macau uma habitação...

E' bom que os portugueses pezem os formidaveis interesses comerciais, que a Inglaterra tem na China. E' bom pezar! Ela não quererá que os seus produtos sejam boicotados. Quando foi do ultimo conflito, só vi os telegramas... Adiante!

Particularmente soubemos o que tu, leitor, não podes saber. Jornalisticamente devias saber tudo, tudo; porém, como se trata dum caso diplomatico, temos que adoptar um pouco de reserva.

—E o porto, o grande porto?

—Poderia já estar feito. Desde Carlos da Maia até hoje já se gastaram quatro milhões de patacas, sem resultados praticos.

—A construção do porto vai ser feita em territorio em litigio, pois não vai?

—Vai!

—Os chineses reconhecem unicamente a nossa soberania até ás Portas do Campo... Não deve ser assim?

—Porquê?

—Das Portas do Campo até ás do Arco, temos tido uma ocupação efectiva, desde o tempo do governador Amaral. Os chineses não querem vêr isto; daí, resulta que o tal porto que nós pensamos em construir e que fica situado á direita da peninsula...

—E o outro porto?

—Fica á esquerda... Dahi resulta—ia dizendo—que o porto é olhado obliquamente, pelos olhos obliquos dos nossos visinhos do Extremo Oriente...

—Ha um acordo?

—Acordo esse em que oschinezes deixam construir o porto mediante a condição seguinte: caso a comissão de delimitação de fronteiras entenda que esse territorio deva ser atribuido aos chinezes, estes ficarão gosando de todas as beneficiações desse territorio, inclusivé o porto. E sem indemnizações. A questão é esta.

—O actual governador...

—O Paço de Arcos é muito prudente e tem-se farto de trabalhar para ver se consegue pôr a provincia num estado de progresso, ainda que relativo. A Inglaterra, que tem conseguido tratados sobre tratados. estender Hong-Kong até ás imediações de Macau, faz-nos muito mal no nosso comercio principal: o peixe seco. Hong-Kong já tem os seus mercados. E como não se deixa sugar pelos monopolios, como sucede em Macau, o comercio de peixe desenvolve-se extraordinariamente...

—Washington?

—Essa conferencia é um ponto de interrogação. Acredito que nela a questão de Macau terá um fim. Mas qual será ele? Os portuguezes devem contar comsigo proprios e não com as grandes nações, que de forma alguma quererão prejudicar os seus interesses na China.

Camara de Alcobaça

A restituição de inscrições da divida publica

O deputado sr. O'Neill Pedrosa instou no ministerio da instrução para que sejam restituidas á camara de Alcobaça as inscrições da divida publica que lhe legou o falecido dr. Pedro José de Oliveira para a escola de Vimeiro.

OS TEATROS

Atraz do reposteiro

Rafael Marques vai desempenhar na peça «D. Afonso VI» o papel de «Conde de Castelo Melhor», que foi criado brilhantemente por João Rosa.

—O guarda-roupa da peça «D. Afonso VI», com grande quantidade de sedas, veludos, damascos e brocados, está sendo confeccionado por figurinos de Augusto Pinto, sob a direcção tecnica de Barbosa Junior, director da Empresa de Materiais de Teatro.

—São pelo menos cinco as novas revistas entregues ao empresario Augusto Gomes, do Apolo, para seguirem ao «Gato por lebre», de Eduardo Schwalbach.

—Os artistas de categoria inferior, desempregados, passaram a estacionar no novo Café de Italia abandonando a porta da Brasileira.

—A companhia Robles Monteiro-Amelia Rey Colaço apenas pode demorar-se no S. Carlos até 15 de dezembro, devendo até esta data fazer «réprises» de «Os lobos» e de mais quatro peças.

—A companhia de circo, contratada pelo delegado da empresa, sr. Ricardo Covões, deve estreiar-se no Coliseu dos Recreios a 5 de novembro.

—Elisa Santos desempenha na fantasia-revista «Pau de dois bicos», a subir á scena no Eden, no proximo dia 20, os papeis de «Dia de Carnaval», «2.ª patrôa», «Zilda» e «Poesia».

—O empresario Luis Ruas tem um contrato com o empresario Augusto Gomes que o impede de alugar o teatro Apolo a qualquer outra empresa. Carece portanto de fundamento a informação de que aquela casa de espectaculos seria explorada na futura epoca de verão por uma companhia dirigida pelo actor Jorge Grave.

Réclames

S. CARLOS—Abre na proxima sexta-feira as suas portas ao publico com a estreia da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro que levará á scena a peça «Jerusalem!», de George Rivolet, arranjada para a scena portuguesa por Alfredo Cortez. A peça que, em França alcançou um ruidoso sucesso, está magnificamente enscenada por Antonio Pinheiro. Os principais papeis estão encarregados os artistas Amelia Rey Colaço, Maria Judice, Antonio Pinheiro, Henrique de Albuquerque e Robles Monteiro.

NACIONAL—A bela peça historica «D. Afonso VI», da qual a «reprise» está marcada para 5.ª feira proxima, no Nacional, para inauguração da epoca de inverno, incluindo já a 1.ª recita de assinatura, vai, por certo, ter um desempenho verdadeiramente primoroso.

GIMNASIO—De todas as peças representadas no verão findo, a unica que vingou, impondo-se ao agrado incondicional do publico, foi o «O celebre Pina», que deu colossais enchentes ao Gimnasio, a onde hoje reaparece, e de cujo palco retirou de scena em pleno exito, para inauguração da epoca de inverno e sem ter sido visto por milhares de pessoas, que, então, andavam veraneando.

E', portanto, uma «reprise» que se impõe, a que hoje vamos ter no Gimnasio, a onde, a noite decorrerá em permanente alegria, com estrepitosas e constantes gargalhadas.

APOLO—O «gâchis» que Alvaro Pereira faz no «Gato por Lebre», em scena no Apolo, é outro interessante achado de Schwalbach para fazer a critica acertada dos nossos costumes parlamentares—10:000 partidos no jogo da cabra-cega—e cujo remedio, a dissolução, gorou, como com muita graça informa o proprio personagem que depois de ir á forja da «Marosca», se estava mal, peor ficou.

EDEN-TEATRO—Está marcada para o proximo dia 20 a primeira representação, no Eden, da fantasia-revista «Pau de dois bicos», de Henrique Roldão e Roberto Sales, com musica de Wenceslau Pinto e Raul Portela, posta em scena com o maior esplendor de scenarios e guarda roupa.

A marcação de logares, que começou ontem, foi concorridissima

SALÃO FOZ—Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes, desta vez acompanhados por Lino Ferreira, são, de ha muito, todos eles, os detentores do espirito que, envolvendo as multidões, as dominam e arrebatam, proporcionando-lhes momentos da mais intensa alegria.

Nas operetas, tanto como nas revistas, as suas obras marcam sempre os mais florescentes, grandiosos e assinalados exitos, e par isso é que o publico anciosamente espero a noite da «première» da sua nava peça, «A Bichinha Gata» que, no Salão Foz, a 24 do corrente, vai representar a companhia Otelo de Carvalho.

Espectaculos

S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».

SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALAO CENTRAL—Animatografo e concerto.

JOSÉ DE PAIVA COUCEIRO

Faleceu em Madrid o sr. José Noronha de Paiva Couceiro, de 18 anos de idade, filho do sr. Henrique de Paiva Couceiro e da sr.ª D. Julia de Noronha de Paiva Couceiro, e neto dos srs. condes de Paraty.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

A CIDADE

NO PALACIO DO CONDE DA RIBEIRA

D. JOÃO DA CAMARA E O "D. AFONSO VI"

As recordações e a ternura amorosa de D. Eugenia de Melo Breyner da Camara, esposa que foi do autor da "Triste Viuvinha"

por NORBERTO DE ARAUJO

D. Eugenia de Melo Breyner, quando noiva de D. João da Camara

D. João da Camara, o *bom mano João*, como dizia o falecido Conde da Ribeira, neto dos terceiros duques de Lafões, casou em 1874. Tinha 22 anos. Namorava desde os 14. A sua noivasinha era então uma pequena gracil e vestida de branco, que D. João ia namorar, só por olhares, na missa emquanto o sol pelos vitrais da capela fazia desenhos no soalho, enchendo de ouro os cabelos da eleita. A Eleita tinha 13 anos. Um namoro de crianças vai sempre dar a um idilio de poetas. A vida de D. João da Camara com D. Eugenia de Melo Breyner da Camara, foi toda ela um livro de versos liricos, cujos capitulos se dividiram pelos seus oito filhos, um dos quais é este belo moço desempenado e leal, que descobriu ilhas e foi á India com D. Vasco da Gama, e anda agora na caramadagem aspera e feliz do jornalismo, a evocar a bondade gloriosa do seu pai: D. José Paulo. E é este José Paulo da Camara, meu camarada fidalgo do coração, que me leva a beijar, com toda a ternura de que podem ser feitos os meus beijos, a mão debil da rainha santa, que é esta velhinha suave, misericordiosa e linda que viu nascer, crescer e triunfar o drama lirico *D. Afonso VI*.

O palacio dos Condes da Ribeira, que enfrenta o mar, na parte onde vive religiosamente a que foi esposa do Poeta, apegada aos filhos solteiros e aos retratos —tudo retratos—é uma habitação solarenga modesta e leal, nos seus degraus pequenos e nos seus compartimentos do tamanho de corações, onde cabem uma mesa, umas cadeiras, uns quadros a oleo e a generosidade toda de cem familias nobres, dos cruzamentos historicos da Casa. Sobre toda esta nobreza passa porém uma outra fidalguia simpatica, no ambiente da qual, entre a *bulha alegre* dos filhos e a ternura da noiva namorada durante a missa, o poeta escreveu os seus versos: a pobreza, essa pobreza assente sobre um campo doirado de honra de marinheiros velhos e de lealdade medieval de soldados ingenuos.

Mas o que nos leva á casa de D. Eugenia de Melo Breyner da Camara é ouvir falar do poeta e ouvir recordar o tempo em que foi feita a peça *D. Afonso VI*, cuja *reprise* se anuncia para daqui a trez dias no Teatro Nacional. Deve saber tanta coisa a suave velhinha, já branca, que D. João da Camara amou sempre numa ternura infantil de trovador!

E vamos principiar a conversa, emquanto o busto da infanta filha da antiga tranquilidade resignada dos solares, e anjo do lar, que é D. Ana da Camara, serve o chá muito côr de ametista, e o José Paulo, a fingir que não está comovido, bate na mesa a extremidade dos pessimos cigarros *Antoninos*.

—Eu recordo-me de tudo, mas sei tão poucas coisas para dizer... Ao principio da representação o *D. Afonso VI* não agradou. Estava tudo frio na sala... Fazia medo.

A suave velhinha, cuja memoria clarissima como agua da fonte da sua saudade, retorna vinte e um anos atraz, paira agora naquela sala do D. Maria, de 12 de Março de 1890, magestosa e plena de tudo quanto Lisboa tinha de fidalgo no sangue e no espirito, os literatos, os truculentos jornalistas, os poetas do romantismo, os politicos dos belos jornais já mortos, os parentes marquezes e condes, ricos e remediados, morgados e filhos segundos, os elegantes do Chiado, as descendentes das secias de S. Carlos, os burgueses filhos dos burguezes do Passeio Publico—meia Lisboa intelectual e pretensiosa, que foi de ante-ontem e parece que dorme já no pateon do nosso esquecimento, fragil como o dos meninos de leite.

—Estava tudo frio na sala. Fazia medo. O primeiro acto acabou sem entusiasmo. Meu marido subiu ao camarote e disse apenas:

—«Sou eu que não mereço. Não está bem feito... Paciencia...». E voltou ao palco naquele seu modo de resignação. Era assim o João...

Uma saudade pelos olhos. Sorriu, como os petizes a dormir. Eu disse qualquer coisa.

—Meu cunhado Luiz, o «tio Luiz» para os pequenos, não quiz assistir. Tinha medo tambem. Ficou no Martinho. Veja lá. Era então o Francisco da Silva, um grande amigo do meu marido, quem lhe ia nos intervalos levar as noticias. E o Luiz no primeiro intervalo estava livido. O Francisco da Silva dizia «que deixasse ver...».

—E depois...

—O segundo acto um pouco melhor, mas fraco no publico. O mano mais velho do meu marido, o conde da Ribeira passeava nos corredores, nervoso: «este mano João a imaginar que tinha talento... Tem lá habilidade nenhuma para fazer peças de teatro... Forte mania a do mano João». Mas o terceiro acto já foi uma tempestade de aplausos.

E lembrando:

—Tudo tão bonito. O Brazão ia muito bem. E a Rosa Damasceno, e o Augusto Rosa, e todos; ora lembro-me de todos.

—E como acabou?

—Oh! Um triunfo. Andaram com ele ao colo, eram flores, palmas, abraços, lagrimas. Estava o teatro á cunha. Depois a decima quinta. Que loucura! O Fialho agarrado a meu marido, numa grande ternura, e todos os literatos e jornalistas de então... Todos os jornais falaram. Mas falaram bastante. Quere ver?...

São postos diante de meus olhos maços muito bem arranjados, com exemplares de jornais do tempo. D. Eugenia, com um culto enorme e persistente pelo talento e pela bondade de seu marido, ia guardando, colecionando as criticas. E aparece tudo, *O Correio da Noite*, as *Novidades*, *O Jornal do Comercio* onde Pinheiro Chagas criticava, *O Imparcial*, *O Economista*, *Os Debates*, *O Diario Popular*, *A Folha do Povo*, *O Jornal da Noite*, *O Diario de Noticias*, *O Seculo*, *O Globo* e *O Portuguez*.

—Tudo, está tudo.

—Como concebeu D. João da Camara o drama? Lembra-se?

—Sim. Um dia disse-me: «vou fazer um trabalho grande, de historia e em verso. Tenho uma grande fé». E começou a consultar livraria e estudar. Mas pouco tempo depois parou. Aborreceu-se. Uma noite chegou a casa tarde; vinha entusiasmado, recitava, escrevia com afan. E recomeçou no outro dia. Algumas semanas depois o *D. Afonso VI* estava pronto.

—Como escrevia seu marido?

—Aqui, nesta mesa onde estamos, no meio do barulho dos filhos, dos sobrinhos, de nós todos. Dizia ele que a *bulha alegre* não o incomodava. O que não queria era ouvir ralhar. Aqui nesta mesa escreveu quasi tudo. Casa muito pequena e desprovida de comodidades... E lembrar-me eu de que...

—Diga, diga minha senhora.

Uma tristeza embrulhada num sorriso compassivo:

—E' que houve um critico que disse então que meu marido escrevia no meio do maior luxo, bons *divans*, fogões, tapetes... Nesta pobreza e neste carinho da casa é que foi... Nunca tivemos outra fortuna que não fossemos nós proprios, uns para os outros...

—O nome do critico?...

—Ora. Foram impressões que ele teve na ocasião, e de que depois se corrigiu, creio eu.

—Mas diga...

Atalha o filho:

—Coisas desse tempo. Foi o Santos Tavares. Ele hoje bem sabe que...

E fez-se, com a maior harmonia, o elogio do Santos Tavares.

—Lia as peças antes em casa seu marido?

—Ah! Sim... Lia aqui á gente. Entusiasmava-se. E eu gostava tanto! Ele fazia versos com muita facilidade. Um dia estava muito preocupado para acabar um acto dos *Velhos*. E disse-me, nervosamente: «não sei como há de ser isto. Mas se fosse em verso já estava pronto...».

—E ficava sempre contente com o trabalho?

—Em regra, sim. Ao escrever o *D. Afonso VI* ele tinha receio do publico. Já tinha representado uma peçita que caiu: *Ao pé do fogão*. Escrevera tambem uma peça, que rasgou depois, insatisfeito. Chamava-se *Bernarda no Olimpo*. Um dia disse-me: «gostava de ter agora aquela peça que rasguei». E eu retorqui: «tem-la aqui». E' que eu tinha-a apanhado, colado e composto de novo. Ficou radiante. Era tão bom o João!...

—Ganhou muito dinheiro com o teatro?

—Ah! O dinheiro...

E sorriu numa bondade infinita, aliada a uma resignação quasi religiosa:

—Eu não sei se ganhou muito dinheiro... Mas creio que não... Agora muito dinheiro, o João. Ele era muito bom... Mas ganhou dinheiro, isso ganhou. Pelo *D. Afonso VI* chegou uma vez a receber 400$00.

—Quatro centos mil reis, hein!...

—Pois foi, mas eu não vi. Um dia disse-me, entre desolado e feliz: «nunca ganhei um conto de reis...; que será isto de um conto de reis?...»

—Sabe que estão passadas muitas casas já para o *D. Afonso VI*.

—Sim. Mas eu o que quero é que agrade. Eu por mim...

E teve um gesto naturalissimo de indiferença.

—Ouvir outra vez os seus versos! Como vai ser bom para mim. E eu já oiço pouco.

D. José Paulo, na intimidade que ali nos unia, e eu agora quebro, elucidou:

—Minha mãe nunca na sua vida viu quinhentos mil reis juntos...

—Que diz ele? interrogou o seu sorriso maternal.

D. José Paulo repetiu.

—Ah! Cousas do José Paulo...

Vieram então os retratos de familia num album. Quasi um Tombo. Figuras delicadas de há um cento de anos, saias de balão, corpetes ajustados, punhos com folhos, cabeleiras aneladas, expressões de rosto que parece que não são deste mundo, e alfim, os retratos de D. João da Camara, menino, rapaz, estudante, engenheiro, noivo, poeta, dramaturgo, assentador da linha no Alentejo, a sua luneta, a sua barba cristã, o seu meio sorriso bondoso.

—Olhe. Aqui eramos casados de fresco. Tem graça!

Dois meses depois de casados, D. João da Camara e sua esposa

—Muita graça, disse eu.

—E' verdade... Casados de poucos dias... Foi há quarenta e sete anos...

No ambiente morno da pequena sala passou a saudade da suavissima senhora, e todos evocamos, não sei porquê, o poemo dos *Velhos*. Quasi se resou. Fez-se um minuto de ternura calada. E depois, como se tivesse aludido á peça do Patacas, a senhora conta:

—Nos *Velhos* estão os nomes de todos os nossos oito filhos. Nunca deu por isso?...

—Com franqueza, não...

—O Vicente, a Emilia, a Ana, o Paulo, todos... Meu marido tinha uma grande ternura por todos. Até pelos estranhos. Uma vez...

—Uma vez...

—Uma vez chovia agua que Deus a dava. Meu marido chegou a casa encharcado e sem o seu capote.

—«Que fizeste tu ao capote?»—preguntei eu. Ele não respondeu nada. Pareceme que disse que o tinha deixado não sei em que café. Ora um dia o Francisco da Silva chegou e disse: «eu sei onde está o capote do João. Está ás costas daquele mendigo que pára ali no Conde Barão. Vio lá esta manhã». O meu marido tinha tirado o capote dos hombros e tinha-o dado ao pobre. Fazia muito frio.

Mas a atenção volta-se outra vez para o album. Continuam a passar tipos graves ou figuras simpaticas de outro tempo, no amarelo esquecido das fotografias do Fillon. O velho Marquês de Ficalho...

—Este—conta a esposa do dramaturgo—tinha muito espirito. A' hora de morrer disse para o Padre, que lhe ministrava a Santa Extrema Unção:

—«Hade ensinar-me como isto se faz, meu Padre. Que eu é a primeira vez que morro...

E o album ficou uns momentos aberto na mesma pagina.

—Vai v. ex.ª assistir á primeira noite do *D. Afonso VI*?

—Sim. O José Paulo é que sabe. Mas vamos. Pois não vamos?

E justificou:

—Desde que morreu meu marido nunca mais fui ao teatro.

—Vai recordar a noite de há 21 anos...

—Como a recordo sempre! Essa e as outras. A da decima quinta. Os presentes no camarim. Veiu um trem especialmente para transportar os brindes!

—Lembra-se desses brindes?

—Não me lembro. Eram muitos. Rafael Bordalo desenhou uma linda pasta, com uma dedicatoria; os intepretes *mais humildes*—como eles diziam—deram uma placa de prata (entre os humildes vinha Antonio Pinheiro), o Ferin um cofre muito rico, o Manuel de Arriaga uma ancora de ouro, o Ferreira da Silva um volume de Musset, o João de Bragança um oleo do Duque de Lafões, nosso avô, e mais. Óra... Estavam lá o Alberto de Oliveira, o livreiro Gomes, o pintor Ramalho, o Fialho, agarrado a um grande ramo de flores, e muitos.

(*Ver a continuação na 8.ª página*)

PROVINCIAS

Em Vila Pouca de Aguiar

Dois assassinios — Não ha autoridades na comarca

Vila Pouca de Aguiar, 18

Na povoação da Cidadelhe de Jales, deste concelho, foi assassinado Antonio Martinho, por Casimiro Garganto. Na de Capeludas de Aguiar, tambem deste concelho, igualmente foi assassinado José Joaquim Orfãs por Augusto Rodrigues, de camaradagem com Arnaldo Miguel. Nenhum dos criminosos foi preso. Presentemente não ha autoridades na comarca.

De Coimbra

Estudantes desordeiros

Coimbra, 17

Foram hoje feitos os respectivos exames aos individuos feridos nas desordens causados por estudantes, caso a que nos referimos. As vitimas encontram-se nos hospitais da Universidade.

Passageiro á linha

Entre as estações de Coimbra B e de Souzelas caiu á linha Francisco Pereira, de 29 anos, de Queimadas, passageiro do comboio-correio de Lisboa ao Porto. Horas depois do desastre, foi conduzido ao hospital da Universidade onde ficou em tratamento, visto apresentar um largo ferimento na cabeça.

Visita ministerial

Esteve em Coimbra o sr. Aboim Inglês, ministro da agricultura, que visitou a Escola Agricola.

Mais dois desastres

Tambem deram entrada no hospital da Universidade, Joaquim Gaspar, dos Casais, assentador da C. P. por lhe ter caído um «rail» sobre um pé esmagando-iho, e Joaquim Mendes, de Gouveia, com a mão esquerda estacelada, devido a desastre com arma de fogo, quando caçava.

Em Mangualde

D. Joaquina Augusta Ferreira

Mangualde, 17

Com uma extraordinaria concorrencia realizou-se ontem, nesta vila, o funeral da sr.ª D. Joaquina Augusta Ferreira, mãe dos srs. Bernardo Amaral, director da Escola Primaria Superior Dr. Pessoa Ferreira, e José e Antonio Amaral, acreditados comerciantes em Leiria. A falecida, durante 15 meses, em que tratou com os maiores carinhos sua neta, Maria Carmelina Amaral, ha um mês falecida, esgotou todas as suas forças. Falecida a neta que tanto estremecia, não resistiu a tão profunda dôr. Morreu por ela. Era dotada de excelentes qualidades e muito esmoler, pelo que a sua morte foi muito sentida. Os filhos da falecida mandaram distribuir esmolas pelos pobres que tomaram parte no funeral e pelos pobres envergonhados.

Em Armamar

As vindimas — Missa

Armamar, 17

Retirou para Coimbra o sr. dr. Albano Maria Fernandes, ilustre professor do liceu feminino daquela cidade.

—Pelo sr. José da Silva Aires, de Fontelo, foi mandada rezar uma missa sufragando a alma do sr. dr. Duarte Huet Bacelar, ultimamente falecido.

—Estão terminadas as vindimas.

Os preços dos vinhos correm entre 60$00 e 100$00 cada medida de 550 litros.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 19:

Resa-se de S. Pedro de Alcantara, confessor. Duplex. Paramentos brancos. Missa propria.

—Lausperene na igreja de S. José.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

S. José, ás 10, missa da paz; ás 18, terço de benditos, por musica.

Mez do Rosario nas igrejas do costume.

Grande venda mensal

SAPATARIA CONTENTE L.DA

Rua do Carmo, 74

Sapatos desde 10$ até 30$ — Meias de seda a 4$, 6$ e 7$50

Grande abatimento em todo o estock, para dar entrada a 2:000 pares de calçado nos ultimos modelos e fôrmas da melhor marca

ATLAS

O MELHOR CALÇADO

Variados modelos para a estação de inverno

Calçado de abafo em todos os tamanhos e modelos

S.I.C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo

Contas correntes em moeda nacional e estrangeira

Saques sobre o paiz e estrangeiro

Descontos e transferencias

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

OURO E PRATA

Muito mais BARATO

e SÓ pelo PESO

Cordões, correntes, travessões e mais objectos. Grande sortido.

SÓ no CORREIA, MOURA

PIMENTA LIMITADA

Rua de S. Paulo, 186

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

Do Prof WILSENGOLD

BRUXELLAS

LITHANE

DEPOSITARIOS

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

103 Rua Garrett 1.º

AOS AGRICULTORES:

Adubos de baleia radioactivos

H. B. C.

Unicos no seu genero

Conveem aos agricultores por serem os unicos completos em tudo. Ricos em elementos nobres e substancias uteis, indispensaveis ao completo desenvolvimento das plantas, garantindo colheitas abundantes.

O seu poder nitrificante e insecticida é incontestavel, estando destinados a fazerem um verdadeiro sucesso na agricultura.

Fornecemos adubos especiais para todas as culturas de campo, horta e jardim, tendo prontas a expedir todas as nossas formulas especiais.

Pedidos ao nosso escritorio:

Secção de Adubos

HENRY BURNAY & C.ª

10, Rua dos Fanqueiros, 1.º—LISBOA

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

Banco Nacional Agricola

SOC. AN. DE RESP. L.DA

Séde—Rua de S. Julião, 188 a 198—LISBOA

Nos termos dos artigos 8.º e 12.º dos Estatutos do Banco são os Srs. Accionistas convidados a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de Outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados ou nos nossos correspondentes na provincia.

LISBOA, EVORA — Banco Nacional Agricola

LISBOA, PORTO, CHAVES — Pinto & Sotto Mayor

Pelo Banco Nacional Agricola

Os Directores

a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*

a) *Eduardo Julio Correia de Barros*

a) *Joaquim Nunes Mexia*

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

Neves & Cruz

Importadores e Exportadores directos

SÉDE

Rua Ivens, 53

CONSERVAS E VINHOS

Filial em Anvers

RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º

Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela

(Produtos africanistas)

NO ESTRANGEIRO

NOTICIAS DA INGLATERRA

DIZEM DE LONDRES:

O governo australiano vai empregar 6.000 rapazes ingleses em substituição dos mortos da guerra

LONDRES, 18.

Dizem de Adelaide, que o governo da Australia aprovou um projecto de lei, determinando que sejam admitidos nas granjas a titulo de aprendizes, 6.000 rapazes ingleses de quinze a desoito anos, que substituiriam individuos que morreram durante a guerra. Cada um destes rapazes receberá quatro libras esterlinas por semana e o resto dos seus salarios será creditado a seu favor, recebendo um juro de 4 ½ % e ser-lhe-ha entregue quando completarem 21 anos.—(U. P.).

O desemprego, questão nacional

LONDRES, 18.

O parlamento reune hoje, a fim de se ocupar da questão dos desempregados, que é considerado um problema nacional. O governo vai apresentar propostas tendentes a fazer reviver o comercio das exportações.—(R.).

Lloyd George vai a Washington?

LONDRES, 18.

Nos meios politicos têm como certo que as dificuldades que poderiam reter o sr. Lloyd George na Inglaterra, serão resolvidas ainda nesta semana, esperando deste modo que ele assistirá á conferencia do desarmamento em Washington.—(R.).

O conflito anglo-irlandês

LONDRES, 18.

Reuniu-se ontem de tarde a quinta conferencia entre os delegados ingleses e irlandeses, tendo-se ocupado de assuntos importantes.—(R.).

Poincaré e o grupo universitario franco-inglês

LONDRES, 18.

O sr. Raymond Poincaré acompanhado de Madame Poincaré assistirá no dia 1.º de Novembro a um almoço oferecido por um grupo inter-universitario franco-britanico. O ex-presidente da Republica pronunciará um discurso preconisando a necessidade de se manter boas relações intelectuais entre os aliados. Varios embaixadores e ministros das nações aliadas assistirão a este acto.—(U. P.).

O principe Jorge da Baviera

torna-se frade franciscano

ROMA, 18.

Confirma-se a noticia de que o principe Jorge da Baviera, primo do ex-rei fez votos religiosos, entrando na ordem dos Franciscanos. O principe foi recebido particularmente pelo Papa.—(U. P.).

TODOS

os fumadores encontram as suas marcas predilectas na

Tabacaria Serras

FRANÇA E ALEMANHA

NO CONGRESSO INDUSTRIAL DE QUIMICA

GEORGES CLAUDE entende que os franceses poderiam fazer concorrencia aos alemães

A INDIFERENÇA DE CERTOS ELEMENTOS OFICIAIS

O maior acontecimento do congresso de quimica industrial que se está realizando em Paris deve ter sido o sensacional discurso pronunciado pelo celebre quimico francês Georges Claude, no qual este tratou da aplicação dos metodos scientificos á industria.

Georges Claude foi o sabio que descobriu o ar liquido e a luz pelo néon, que tem deslumbrado Paris; e os seus processos para obter os produtos do amoniaco são incomparavelmente mais perfeitos que os dos alemães — cuja importancia toda a gente hoje conhece através do desastre da Badische — pois aos pesados processos alemães, Georges Claude substituiu a sintese do amoniaco.

Este novo meio descoberto por Georges Claude é susceptivel de dar áqueles que o adotarem como processo industrial vantagens e lucros muito maiores que os empregados na Alemanha; mas não só esta como todas as descobertas da sciencia francesa se limitam a fazer conhecer a sua existencia unicamente nos laboratorios dos sabios, que se encontram num estado miseravel, sem que a França tire delas praticamente qualquer resultado.

Foi sobre o abandono a que estão votados os sabios e os seus laboratorios, que Georges Claude se alongou, mostrando depois quantas vantagens adviriam para a França do desvio de uma pequena parte das despesas que faz com o exercito para as investigações scientificas, se ao mesmo fosse possivel fazer terminar a acção de certos homens que teimam em dar preferencia aos metodos estrangeiros sobre os metodos nacionais, sem fazerem adotar a aplicação de uns nem de outros.

«E' preciso lembrar aos elementos oficiais que se julgam nossos senhores, que, antes de o serem, são servidores do esforço francês!

Não é só de uma vergonha que se trata, é de um perigo mortal, porque se isto continuar, o nosso levantamento, que só pode realizar-se baseado na sciencia, está condenado.

E' preciso salvar a sciencia para salvar o pais. Mas, além da renovação industrial, a sciencia tem de assegurar a defesa da nação.

Ninguem esqueceu o papel que ela desempenhou na ultima guerra. Ninguem póde ter duvidado que na desforra em que meditam os vencidos ha de pertencer-lhe o papel decisivo».

Georges Claude supõe o que seria o desenvolvimento da industria francesa se os poderes desviassem dos gastos do exercito a quantia anual de 100 ou 200 milhões de francos: a fabricação do ar liquido, a extracção do ar, desse gaz raro, o néon, cuja luz deslumbra; o hélio tambem tirado do ar cuja aplicação torna os dirigiveis insuscetiveis de se inflamarem; a extracção do radio, o emprego do sistema Taylor e toda a industria revolucionada com uma pequena transformação nos processos para obter o carbonato de calcio.

Os lucros que a França poderia retirar dessa aplicação da sciencia á industria são incalculaveis; para darmos um exemplo que não tivesse sido dado por Georges Claude, basta lembrarmo-nos de que o valor das exportações da Badische, alemã, se elevavam antes da guerra a um bilião, e que o processo de preparação do amoniaco por compressão, descoberta pelo grande quimico francês, é incomparavelmente mais simples e mais economico. A concorrencia que a França, com vantagem poderia neste ponto fazer á Alemanha, consiste em ver qual das duas nações conquistaria o privilegio de exportar anualmente dois biliões de francos de amoniaco.

Georges Claude mostrou com argumentos indiscutiveis as armas de defesa e os lucros fabulosos—como o que acabamos de apontar—que á França adviriam da aplicação dos metodos scientificos á industria, mas não deixou de se referir concretamente á luta que será preciso manter contra certos elementos oficiais que se recusam a auxiliá-la, ou se mantêm numa passividade propositada; e terminou dizendo que, assim como os artilheiros profissionais se preguntavam como é que os projecteis das «berthas» escapavam á lei de Laplace, assim não chegarão a compreender essa lei perfeitamente, senão quando os grandes canhões alemães estiverem de novo a demolir Paris.

Comtudo, é do conhecimento de todos que não é preciso subir muito na atmosfera para se encontrar o vacuo quasi ideal, em que a resistencia do ar se não faz já sentir...

NA ALEMANHA

A supressão da fronteira economica

BERLIM, 18.

A maior parte dos jornais, dizem que a supressão durante quinze anos, de qualquer fronteira economica, não constitue uma nova vantagem feita á Alemanha, visto que essa disposição já estava prevista no Tratado de Paz.—(U. P.).

EMPREZA HENRIQUE BARREIROS, LIMITADA

EDEN TEATRO

Companhia

Nascimento Fernandes

BREVEMENTE

PAU DE DOIS BICOS

REVISTA POR SESSÕES

TEATRO AVENIDA

FLORES DA NOITE

Companhia

SATANELA-AMARANTE

A igreja de S. João Evangelista

Foi descoberta em Efeso, procurando-se agora o tumulo do apostolo

ATENAS, 18.

As excavações feitas em Efeso, a celebre cidade famosa pelo seu templo de Diana e pela influencia que ali exerceram S. João Evangelista e S. Paulo, tiveram como resultado a descoberta da cripta e anexos da antiga igreja de S. João Evangelista, onde segundo a tradição se encontra o tumulo do apostolo.—(U. P.).

OS 'SOVIETS'

Uma opereta... burguesa

HELSINGFORS, 18.

O governo dos «soviets» retirou a autorisação que tinha concedido á artista polaca Niewiarowska de montar e representar uma opereta em Moscow, sob pretexto de que essa opereta era uma peça burguesa.—(U. P.).

Assassinio de um sovietista

VLADIVOSTOK, 18.

Foi asassinado o representante dos «soviets» Exttin.—(R.).

O QUE VAI POR ESPANHA

DIZEM DE MADRID:

A rainha visita os soldados de Marrocos, felicitando os regulares pelo seu heroismo

MADRID, 18.

O sr. Maura despachou com o rei, dizendo-lhe que não tinha ocorrido qualquer novidade em Marrocos, nas ultimas 24 horas, conservando-se o Alto Comissario em Tetuan.

A rainha esteve no hospital da Cruz Vermelha, visitando o chefe dos regulares Gonzalez Tabla, a quem felicitou pelo seu heroismo.

A's cinco da tarde, reuniu-se o Conselho de ministros para tratar especialmente da questão de Marrocos, havendo muita curiosidade por se reconhecer as resoluções do Conselho.—(R.).

O partido liberal e a campanha de Marrocos

MADRID, 18.

Os vultos mais importantes do partido liberal, trocaram impressões sobre a atitude a adoptar, em face da questão de Marrocos, na proxima abertura das Camaras.—(R.).

Uma conferencia de banqueiros com o ministro da fazenda

MADRID, 18.

Uma comissão de banqueiros conferenciou com o ministro da Fazenda sobre questões relacionadas com asuntos bancarios e especialmente ácerca do projecto relativo ao Banco de Espanha, que o ministro tenciona apresentar.—(R.).

Os direitos sobre o trigo exotico

MADRID, 18.

Os produtores de trigo têm insistido com o governo para que sejam aumentados os direitos alfandegarios sobre os trigos estrangeiros.—(R.).

Uma colisão entre o povo e a guarda civil

MADRID, 18.

Na povoação de Vega de Espinadelo, na provincia de Leon, quando se procedia a um embargo por dividas, a população insurgiu-se, havendo uma colisão com a guarda civil, de que resultou ficarem dois individuos mortos e varios feridos.—(R.).

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

DOLLARS! DOLLARS! DOLLARS!

POR MUITO BOM PREÇO TODAS AS NOITES A'S 21,15 EM PONTO

50 MILHÕES

TEATRO APOLO

O espectaculo acaba antes da meia noite

"REPRISE" DO "D. AFONSO VI"

E D. JOÃO DA CAMARA

Recordações e a ternura amorosa de D. Engenia de Melo Breyner da Camara

Uma hora no palacio do Conde da Ribeira

(Continuação da entrevista da 5.ª pag.)

—E pelos camarotes?...

—Isso agora. Muitas familias, as Lavradios, os Burnay, a condessa de Antas, a de Vila Real, a familia Pinheiro Chagas, do José Luciano, do Mendes Leal, a Sofia Bragança, a familia do Bertiandos, que me lembro eu...

Sobre a mesa do chá, que era a grande mesa onde D. João da Camara escreveu para fazer palpitar as plateias de então e de sempre, em todas as modalidades do seu formoso espirito, que concebeu a *Rosa Engeitada* e a *Meia Noite*, o *Alcacer-Quibir* e a *Triste Viuvinha*; sobre essa mesa onde passou toda a ternura amorosa da raça e a que se rodeavam agora o jornalista, a veneranda senhor, e seus dois filhos, D. Ana e José Paulo, entrou a fazer-se escuro. Foi preciso vir luz. Fez-se uma clareira na conversa.

Então no cerebro fresco de saudades, onde a memoria vive apenas para as cousas de seu marido, D. Eugenia de Melo Breyner da Camara, incapaz de entristecer, que é a virtude suprema dos simples, constroe, nesse silencio que se fez um instante, os quadros que a impertinencia do intruso animou duas meias horas, e no seu rosto de linhas puras, onde a côr é meiga como nalgumas porcelanas antigas que tem brazão, começou a estender-se o sorriso do seu recolhimento intimo. A consolação de rever! A doçura saudosa de reconstruir!

Aquecemos de novo os nossos labios frios para depôr o nosso beijo de agradecimento naquella mão fidalga, e deixamos o velho palacio da Junqueira, onde a esta hora talvez aquela figura gentil de esposa eterna anda, na pureza dos seus sentimentos postos em extase, rebuscando autografos, reunindo jornais, acariciando os retratos, chorando de olhos enxutos a vida que passou e que a reprise do *D. Afonso VI* ameaça pôr de novo no palco da sua existencia, que se restringe a recordar...

N. de A.

Tomás Bordalo Pinheiro

Uma romagem ao seu coval

E' decorrido um mez desde que a morte arrebatou ao convivio dos seus amigos e ao apreço dos seus admiradores, Tomaz Bordalo Pinheiro, artista de valia e professor cuja acção bastante se fez sentir na sociedade portuguesa. Obedecendo á vontade do saudoso extinto, o seu funeral não revestiu qualquer pompa, não se fazendo convites nem participações particulares. Amanhã porém, trinta dias decorridos, um grupo de amigos e antigos empregados, num preito sinceríssimo de saudade, irão ao seu coval, em piedosa romagem, cobri-lo de flores.

Os motins do Rossio

Têm prosseguido, sem resultado, as averiguações policiais

Não têm dado resultado, as diligencias policiais acerca dos tumultos que nas ultimas noites, se têm dado no Rocio, com o fim de descobrir quem são os seus organisadores.

No entanto, continua preso nos quartos particulares do governo civil, o conhecido revolucionario civil Armando de Azevedo.

Os liberais de Lisboa apoiam o governo

Na sua sessão de ontem á noite, a comissão municipal do P. R. L. aprovou por unanimidade a seguinte moção:

«A comissão municipal do Partido Republicano Liberal, lamentando os actos atentatorios da ordem publica, que ultimamente têm sido praticados com desprestigio para o regime, protesta contra esses actos e dá o seu incondicional apoio ao governo e ao sr. governador civil de Lisboa»

O CORREIO LEGISLA

A DANÇA DAS CÔRES

TODOS DEVEM SER SOCIOS DAS BELAS ARTES, PORQUE...

Duas portarias do ex-ministro Fernandes Costa

Não são bem noticias da ultima hora. Mas são noticias da ultima moda. Mudar a côr das estampilhas e poupar a verba de correspondencia da Sociedade de Belas Artes.

Claro que se a portaria que abaixo publicamos baixasse a taxa da estampilhagem das cartas era ouro sobre azul, e isso é que era uma noticia. Em todo o caso mudar o azul para verde ou o côr de rosa para cinzento, substituir o violete por encarnado e o amarelo para côr de café com leite, não deixa de ser uma medida postal digna da admiração dos contribuintes. E' a dança das côres á superficie da epistolografia nacional; é emfim uma manifestação do melhor gosto, que dá á Administração dos Correios quasi o direito de entrar para socio honorario da Sociedade Nacional de Belas Artes.

O sr. Fernades Costa, sancionando a alta decisão da Administração dos Correios, que armou (sem «calembourg») em troca-tintas, contrapôs a sua acção dos ultimos dias, relativa ao contrato do carvão e portanto menos clara, uma acção policroma, impressionante, deslumbrante nas suas côres, meios tons e «nuances».

Pois vamos a ver a portaria:

«Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministro do Comercio e Comunicações:

1.º Que sejam criadas as seguintes formulas de franquia de correspondencias postais:

a) Selos de $40 impressos em azul escuro.

b) Bilhetes postais para o serviço internacional das taxas de $24 e de 24$+$24 (resposta paga) com o selo impresso a côr vermelha;

c) Bilhetes postais para o serviço ultramarino da taxa de $12 e de $12+$12 (resposta paga, sendo o selo da côr do actual dos bilhtes de $18;

d) Bilhetes-cartas de $20 e $10;

2.º Que os actuais selos de $08, $12 e $24 passem a ser impressos em verde escuro, violeta escura e vermelho, respectivamente;

3.º Que sejam suprimidos os selos das taxas de $36, $90, 1$10 e 1$p0;

4.º Que sobre os selos dos actuais bilhetes postais de $18 e $36 sejam impressas, em sobrecarga, as taxas de $12 e $24, respectivamente;

5.º Que sobre os selos dos actuais bilhetes-cartas de $60 seja impressa em sobrecarga a taxa de $40;

6.º Que os selos que são suprimidos continuem provisoriamente em circulação até seu completo esgotamento.»

Mas diziamos que a Administração dos Correios manifestou o seu espirito de comprehensão pela graça e movimento impressivo das côres o reconhecimento da Sociedade Nacional de Belas Artes. Ora por onde os Correios ficam merecndo, de facto, e com justiça, o reconhecimento da empobrecida mas prestante instituição de Arte, é com a publicação desta outra portaria, que abaixo segue, e que é um incentivo indirecto para que entrem novos socios para a Casa da Rua Barata Salgueiro, sem a especulação reclamativa que acompanhou o ultimo registo dos cem modernistas que decerto vão reformar totalmente a passiva e platonica agremiação.

Diz o outro decreto:

«Manda o governo da Republica Portuguesa, pelo ministro do Comercio e Comunicações, que seja isenta de franquia postal toda a correspondencia que a Sociedade Nacional de Belas Artes, com residencia na capital, haja de expedir por intermedio do correio, emquanto não fôr regulamentada a organização vigente dos correios e telegrafos, devendo as mesmas transitar abertas».

O ideal seria que agora a seguir se decretasse a anulação daquele decreto que cobra impostos especiais sobre os quadros de artistas nacionais, vendidos nas pobres exposições da mesma Sociedade, só com prejuizo dos artistas e da propria Sociedade Nacional.

A FALSIFICAÇÃO DE GUIAS

Uma fiança de 50 contos

Em consequencia de ser afiançado no Tribunal da Boa Hora em 50 contos de reis, já se encontra em liberdade Camilo Lira Castro, ou Ricardo de Freitas Semedo ou ainda Agostinho Maia, que há tempos se achava na cadeia do Limoeiro; acusado de falsificação de guias de mercadorias, em varias estações dos caminhos de ferro, no valor de 500 contos de reis, caso que todos os jornais largamente noticiaram.

Além-mar

Requisição de um arquitecto para Moçambique

O alto comissario em Moçambique requisitou o arquiteto Ferreira da Costa, que se encontra servindo em Angola, para ali ir prestar serviço, mas parece que o alto comissario em Angola o não pode dispensar.

O mesmo funcionario requisitou valores selados.

Dissolução da camara municipal de Dilli

Foi dissolvida a camara municipal de Dilli, Timor, e nomeada uma comissão composta dos srs. Manuel de Rezende, presidente, Humberto Leitão, José de Aragão Lacerda, José Celestino Martins e Abilio do Amaral, vogais efectivos, Joaquim Domingues, Francisco Martins, Sebastião Costa, Fausto d'Oliveira e Manuel Rasoilo, vogais suplentes.

A baixa cambial e os direitos do ouro na Guiné

O governador da Guiné informa que, em vista de cambio ter baixado, ordenou que os direitos do exportação baixassem tambem em harmonia com o cambio actual.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

Tribunal de Defesa Social

Uma noticia sem fundamento

Varios jornais, noticiaram hoje, que o Tribunal de Defeza Social não tinha realisado ontem a sua sessão ordinaria de julgamentos, por não terem comparecido os respectivos vogais.

Estamos autorisados pelo sr. dr. Barbosa Viana, vogal efectivo daquele tribunal, a declarar que tal noticia não tem fundamento, porquanto da parte daqueles magistrados, tem havido sempre o maior escrupulo no cumprimento do seu dever.

Sociedade Nacional de Belas Artes

A admissão de novos socios

E' ámanhã, 19, pelas 21 horas, que reune em segunda convocação e com qualquer numero a assembleia geral desta sociedade, para decidir da admissão dos novos socios.

Os srs. José Pacheco, Celestino Soares e Leitão de Barros, proponentes dos candidatos, procuraram nos para nos declarar que, tratando-se de uma questão de maxima importancia para a vida da sociedade e até para a boa harmonia dos artistas portugueses, muito desejavam ouvir nessa assembleia qual a opinião e voto de todos os socios da sociedade que nela podem tomar parte.

Pediram-nos por isso que tornassemos publico o convite especial que por esta forma dirigem a todos os seus consocios para que não faltem á referida reunião.

A' BRUTA

Depois de operado, recolheu á sala de observações do hospital de S. José, Joaquim Pedro, da Lourinhã, que naquela vila teve uma discussão com José Crispim que o agrediu com uma enxadada na cabeça.

Educação fisica

Nomeação de professores

Foram nomeados professores provisorios de educação fisica do liceu de Camões, os srs. Carlos de Sousa, Urbano Dias Furtado, Anibal Pinheiro e José Lindolfe Bravo.

Abertura de matriculas

No Instituto de Hidrologia, Campo dos Martires da Patria, 91, esta aberta a matricula para o curso ali professado, devendo os interessados entregar os seus requerimentos das 11 ás 16.

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO

O AUTOMOVEL ROUBADO

Foi encontrado hoje, na travessa do Maldonado, com avarias importantes

Parece tratar-se duma proeza de boemios

Os jornais da manhã, noticiaram que um grupo de seis individuos, tinham ontem á noite, no Rocio, por ocasião do motim que ali se deu, abordado um automovel guiado pelo *chauffeur* Manuel Dias Jorge, a quem ordenaram que seguisse para Alcantara e depois para Cascais. Os passageiros do auto, ao passarem em Caxias, apagaram os farois, e voltaram para o Rocio, donde seguiram para o Campo Grande. Uma vez ali, o *chauffeur* foi ameaçado com revolveres e expulso do veiculo, de que um dos passageiros tomou conta.

O *chauffeur*, foi apresentar queixa ao governo civil, sendo encarregado de descobrir o paradeiro do automovel, o agente Viegas, que, apesar de andar toda a noite pelos arredores de Lisboa, não conseguiu encontrar.

No entanto, hoje, pelas primeiras horas da manhã, foi participado para o governo civil, pela esquadra da rua dos Anjos, que na travessa do Maldonado, se encontrava um automovel abandonado e bastante avariado.

Imediatamente foi o caso participado para a Sociedade Auto Lisboa, a quem pertence o carro, seguindo logo para o local, um empregado daquela firma, que o reconheceu, como sendo o veiculo furtado.

Verificou-se, ainda, que os damnos tinham importancia e que foi devido a uma *panne* que o automovel foi abandonado.

Parece já estar averiguado que o caso não se liga com os ultimos acontecimentos. Deve tratar-se de uma brincadeira de mau gosto, praticada por um grupo de boemios.

No entanto, as diligencias policiais continuam, com o fim de descobrir quem foram os autores da proeza.

Bolsa de Lisboa

Dia 18

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	49$	51$
s|Londres cheque	5 7|8	5 3|4
» 90 d. v.	6	—
Rio s|Londres	8	—
s| Paris	756	772
s| Italia	413	422
s| Belgica	744	760
s| Suissa	1981	2024
s| Espanha	1402	1432
s| Berlim	60	65
s| Holanda	3608	3687
s| Nova York	10368	10593
Rio Brasil	73	71
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	900	1000

PORTUGAL E A CHINA

AGRAVOU-SE A QUESTÃO DE MACAU?

O governo de Cantão pretende a supressão dos trabalhos de defesa da ilha de Macau?

HONG-KONG, 17

Uma noticia, sem caracter oficial, diz que o governo de Macau respondeu á recente nota do governo de Cantão, recusando aceder ao pedido deste ultimo para suprimir os trabalhos de defesa na ilha de Macau. Os habitantes de Cantão insistem, porém, junto do seu governo para que este mantenha o referido ponto de vista.

O sr. ministro das colonias conferenciou hoje com o seu colega interino dos estrangeiros, sobre a questão de Macau.

—Embarcaram no cruzador *Vasco da Gama* os guardas-marinhas e aspirantes que nele seguem em viagem de instrução que, porventura, se prolongará até Macau. Brevemente seguirá para aquela provincia o pessoal de marinha destinado ao centro e escola de aviação dali.